

As Fontes no Jornalismo Ambiental: Estudo de Caso Sobre a Refinaria Abreu e Lima, em Suape¹

Antônio Júlio REBELO NETO²
Isaltina Maria de Azevedo Mello GOMES³
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O presente artigo analisou a construção noticiosa da mídia online sobre a Refinaria Abreu e Lima (PE), se debruçando sobre matérias selecionadas do conteúdo eletrônico do Jornal do Commercio, publicadas em um período de três anos. As matérias foram sistematizadas e analisadas com o objetivo de identificar os discursos presentes nas notícias, as vozes utilizadas e a diversidade de fontes. As notícias observadas reproduzem os interesses de empresários e aliados, para quem o processo de implantação da refinaria é percebido como desenvolvimento econômico benéfico, enquanto que as questões referentes aos conflitos socioambientais são deixadas de lado.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; fontes; discursos; notícias; Refinaria Abreu e Lima.

Os Desafios da Comunicação Ambiental

Em um mundo onde a crise ambiental é evidente, questionadora e desafia governos a resolvê-la, o papel que a ecologia, a sustentabilidade e a responsabilidade sobre o meio ambiente exercem sobre os centros informacionais é tão importante ao ponto desses temas estarem sempre presentes nos momentos em que se pensa nas pautas jornalísticas. O Jornalismo Ambiental¹ se realiza por profissionais da imprensa, tanto pelas matérias/columnas/editorias/cadernos sobre meio ambiente, como nos veículos ou espaços de produção jornalística exclusivamente destinada aos assuntos ambientais. Assim, é útil delimitar o que é meio ambiente, para que haja consenso, ordem e não sobrem arestas. Para Bueno, meio ambiente é:

o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: juliorrebelo84@hotmail.com

³Orientadora do trabalho. Jornalista, doutora em Comunicação Social e professora do Programa de Pós-Graduação da UFPE, email: isaltina@gmail.com

chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.) (BUENO, 2007, p. 35).

Apesar de sua importância, o meio ambiente ainda é coadjuvante no sistema econômico atual, predominantemente capitalista. Porque são forças antagônicas (economia e biologia), o embate entre desenvolvimento tecnológico e preservação ambiental ainda deve perdurar por muitos anos. É necessário tratar o debate sustentável de maneira responsável, não apenas para “vender” notícias, mas para que a divulgação midiática ambiental seja base para reflexões sociais acerca da relação entre desenvolvimento e equilíbrio ecológico.

No entanto, nem sempre isso acontece, porque como argumenta Massuchin (2009) e Sousa (2002) as organizações noticiosas podem sofrer pressões externas, como patrocinadores do veículo, ou por manter relações de parceria com outras instituições (poluidoras), e que, conseqüentemente, irá direcionar a escolha das fontes. É o que Sousa (2002) diz ser a combinação de fatores (rotinas produtivas, valores notícias, fontes e estrutura organizacional) para manter a ideologia dominante. Assim, em veículos mais conservadores, por exemplo, fontes como ONGs e ambientalistas dificilmente serão ouvidas.

Para discutir sobre a pouca importância dada ao Meio Ambiente, neste trabalho, procuramos identificar as vozes e a diversidade de fontes presentes em matérias do Jornal do Commercio online sobre a Refinaria Abreu e Lima, um dos empreendimentos construídos no Complexo Industrial Portuário de Suape, que nos últimos anos vem provocando grande impacto na região, tanto no que se refere a danos ambientais quanto sociais.

Jornalismo e Fontes Jornalísticas

O jornalismo tem sido fundamental para a propagação de conhecimento e informação. Desde o aprimoramento da prensa, ainda em meados do século XV, a maneira de divulgar informações foi se aperfeiçoando até atingir o momento atual, em que os grandes conglomerados midiáticos concentram todas as plataformas em um só local.

Em consequência, há uma chance maior das notícias chegarem até as pessoas, seja por jornal impresso, rádio, televisão ou pela Internet. Nesse sentido, Gaye Tuchman atesta que as empresas de comunicações tomam certas medidas para a produção das notícias,

que devem seguir um padrão e evitar que os conglomerados jornalísticos sofram represálias.

Os jornalistas invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos 'limites cognitivos da racionalidade'. O termo 'estratégia' denota a tática ofensiva destinada a prevenir o ataque ou a defletir, do ponto de vista defensivo, as críticas (TUCHMAN, 1993, p.75).

São ações que os profissionais tomam para legitimar o que estão noticiando e que, ao mesmo tempo, os mantêm distantes daquilo que noticiam. Dessa forma, almejam o status de objetivos. Para tanto, de acordo com Tuchman (1993), os jornalistas adotam quatro procedimentos rotineiros, além da verificação dos fatos, para que consigam alcançar a objetividade. São eles: apresentação de possibilidades conflituais, apresentação de provas auxiliares, uso judicioso das aspas e, finalmente, a estruturação da informação numa sequência apropriada.

No entanto, todo indivíduo é dotado de subjetividades e vivências, o que permeia os pensamentos e ações, e, conseqüentemente, aquilo que se escreve. Cada frase ou palavra são cuidadosamente escolhidas pelo autor do texto, que filtra e seleciona as ideias baseado em experiências pessoais. Kunczik (2002) afirma que "nas linhas que se seguem o termo 'realidade dos meios de comunicação' significará a imagem do mundo criada na cabeça dos receptores como resultado dos critérios de seleção de notícias dos jornalistas." Ou seja, durante sua atividade profissional, os jornalistas selecionam os fatos que eles acreditam ser de mais destaque e produzem as notícias, que por sua vez irão circular entre os consumidores daquele jornal ou portal, constituindo-se como "realidade".

Neste sentido, o pesquisador Lorenzo Gomis (1991) argumenta que os jornalistas ou os meios de comunicação oferecem aos leitores e à sociedade um presente social, algo como uma referência comum a todos, que pode ser comentada. Nas palavras do pesquisador:

Yo lo que los medios de comunicación hacen es ofrecernos el presente social. Sin ellos, el presente social resultaría pobre y encogido, sería apenas el de la familia, la vecindad más inmediata, el medio de trabajo. Gracias a los medios, vivimos en el mundo y sabemos lo que está pasando un poco en todas partes (GOMIS, 1991, p. 14).

Ou seja, temos uma realidade que é construída socialmente, e a mídia contribui para essa construção com a diferença de que o faz profissionalmente, num processo de mediação entre os fatos destacados e o grande público. Gomis ainda alerta para o

cuidado que devemos ter ao receber as notícias, uma vez que as mesmas são formuladas por trabalhadores das empresas de comunicação, e são eles que escolhem como vão montar as notícias, com critérios próprios.

Los medios actúan de mediadores entre la realidad global y el público o audiencia que se sirve de cada uno de ellos. Pero esa mediación es algo más que simple comunicación. Los medios no sólo transmiten, sino que preparan, elaboran y presentan una realidad que no tiene más remedio que modificar cuando no formar (GOMIS, 1991, p. 16).

Essa constatação nos leva a refletir sobre a importância do processo da construção da notícia. No ideal, deve-se priorizar a pluralidade de vozes, ou a diversidade de enquadramentos, com o objetivo de se enriquecer a matéria e garantir a contextualização do fato. Como afirma Sousa (2002, p. 18):

Parece-me inegável que, especialmente em sistemas de democracia de partidos, assentes em estados de direito, ou noutros sistemas democráticos, os meios jornalísticos são um instrumento vital de troca de informações e de estimulação da cidadania, em que o jornalista-mediador assume ou deve assumir um papel essencial.

O mesmo autor lembra que:

Todavia, não será menos certo, acreditar em vários estudos (...) que os meios jornalísticos são também usados em função de interesses particulares, como os interesses de determinados poderes, podendo, igualmente, contribuir para a amplificação dos poderes e para a sustentação do *statu quo*.

Uma das características marcantes do processo de manutenção do *statu quo* é a baixa pluralidade de vozes, com pouca diversidade de fontes ou o uso de referenciais de apenas um determinado "lado". Quando isso acontece, o produto jornalístico perde qualidade e os consumidores recebem uma informação de baixa contextualização. Como afirma Sousa:

As fontes são, frequentemente, entidades interessadas na cobertura mediática, pelo que põem em campo táticas adequadas a garantir não só essa cobertura, mas também que essa cobertura se faça num ângulo favorável, que sejam desprezadas informações negativas para essas mesmas fontes e que acontecimentos desfavoráveis possam ser cobertos favoravelmente (SOUSA, 2002, p. 62).

A escolha das fontes, portanto, seria um dos fatores externos com capacidade de influenciar o conteúdo das notícias, e os jornalistas as selecionarem já estão a influenciar o conteúdo das matérias. Diversos autores - entre eles, Molotch e Lester

(1974), Gans (1980) e Schlesinger (1992) - enfatizam a negociação que ocorre entre as fontes e os jornalistas, ligações entre políticos e jornais e os promotores de notícias, contudo, percebemos que no caso analisado neste artigo, a Refinaria Abreu e Lima, em Suape, a imensa maioria das matérias produzidas parece negar a existência dessa negociação.

Na verdade, fica a sensação de que há uma tendência natural jornalística em se produzir notícias ligadas à Refinaria Abreu e Lima baseadas apenas em fontes oficiais, o que reduz o amplo debate acerca do assunto e contribui para uma visão enviesada da situação local. Mais à frente, poderemos perceber, claramente, este fato ao se analisar as matérias produzidas.

Esse tipo de conduta jornalística reforça a ideia de forças ideológicas agindo para a manutenção do poder vigente. Ora, como questionar a execução de uma obra do tipo de uma refinaria se grande parte das notícias publicadas apenas retratam o que as fontes governamentais dizem? Leon Sigal (1973 *apud* Sousa 2002, p.64) afirma que as fontes de informação dominante (governo) possuem uma força maior nas notícias e àquelas "desconhecidas" precisam realizar algo de espetacular para aparecerem nas matérias, o que, inclusive, reforça o autor, os coloca em desvantagem "porque pareceriam menos respeitáveis que as fontes oficiais". Aliás, veremos que as ditas "fontes desconhecidas" aparecerão bastante nas matérias quando realizam protestos, param o trânsito e acabam por "atrapalhar" a vida das pessoas, o que reforça a afirmação de Sigal (1973) ao dizer que seriam menos respeitáveis.

Nessa mesma linha temos a contribuição de Traquina (1993) quando diz que "(...) as pessoas com maior autoridade, essas que têm contactos regulares com os profissionais do campo jornalístico, permitindo assim provar a sua credibilidade, são favorecidas no processo de produção de notícias." E que o lado contrário, ou seja, as pessoas que não possuem acesso regular aos órgãos noticiosos, devem "incomodar" para seus feitos se tornarem notícias. Schudson (1986, p.31 *apud* Traquina, 1993, p. 173) arremata ao afirmar que o processo de produção de notícias é "normalmente uma questão de representantes de uma burocracia apanhando notícias pré-fabricadas de representantes de outra burocracia".

Todo esse quadro fortalece uma relação de poder e dominação, através de interesses, pelo Estado sobre o território de Suape. Como afirma Sousa:

As rotinas dos jornalistas e das fontes, as convenções profissionais, os valores e a estrutura organizacional combinam-se, assim, para manter um sistema de

controle e reprodução das ideologias dominantes, levando os *media* a gerar construções simbólicas que fazem perceber a ordem existente como natural e imutável. (SOUSA, 2002, p. 75).

Dominação e Poder no JC Online

Para compor o corpus deste trabalho, foram coletadas 158 matérias online do site www.jconline.com.br, utilizando as palavras “Refinaria Abreu e Lima” na caixa de busca, para os anos 2011, 2012 e 2013, período que compreende a pré-instalação do empreendimento econômico. A escolha pelas matérias publicadas na plataforma online se justifica por conter notícias divulgadas tanto no meio impresso do jornal como na internet.

Das 158 matérias coletadas, selecionamos 10, publicadas no período que compreende do início das obras da Refinaria Abreu e Lima no Complexo Industrial de Suape até o seu pré-lançamento. É interessante perceber que a editoria de Economia é a que mais abriga as notícias sobre Suape. De um total de 158 matérias, 120 são de Economia, representando 75,9% do total. Assim, mesmo uma matéria em que a ação da polícia contra os trabalhadores em Suape é o assunto principal, por exemplo, ela será inserida em Economia.

Na análise das matérias identificamos três questões recorrentes: Questão Trabalhista, Questão Ambiental e Questão Desenvolvimentista. Em todas, observamos algum aspecto ideológico, evidenciando poder e dominação.

Questão Trabalhista

Em uma matéria publicada no dia 17 de agosto de 2011, sob o título “Inscritos aguardam pelo Prominp”, alguns problemas começam a aparecer. No lead “maioria dos 6.003 pernambucanos aprovados na seleção para o 5º ciclo do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás (Prominp) continua esperando pelo início dos cursos” revela que há demora no início das aulas e formação de profissionais capacitados para trabalhar em Suape.

Este fato demonstra atraso na qualificação da mão de obra local, o que favorece a “importação” de trabalhadores de outros pontos do Brasil, e contraria a ideia propagada pelo Governo de empregabilidade local. A própria notícia revela que “Atualmente, as duas obras juntas somam mais de 38 mil operários. Desse total, pelo menos 40% tiveram de ser importados de outros Estados por falta de mão de obra local.

A matéria aborda de forma ampla a questão, e utiliza fontes oficiais, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e a Petrobras, bem como fontes não oficiais, a exemplo de um aluno, prejudicado pelo atraso nas aulas.

A matéria intitulada “Operários param obras de refinaria e petroquímica”, publicada em 24/03/2011, está inserida em Economia, mesmo quando o lead traz a informação de que “É a maior greve nas três décadas de implantação do Complexo de Suape”, como pode ser lido no trecho a seguir:

"Pelo menos 34 mil operários da Refinaria Abreu e Lima (Rnest) e da Petroquímica Suape (PQS) paralisaram, ontem, as obras dos dois maiores empreendimentos em construção no Estado, com investimento superior a US\$15 bilhões. É a maior greve nas três décadas de implantação do Complexo de Suape e um momento histórico no novo mundo do trabalho em Pernambuco, sustentado pelo crescimento vigoroso da economia”.

Mesmo com 34 mil trabalhadores em greve, o discurso tem prisma econômico. E é possível perceber um tom preocupado do jornal pela paralisação em “um momento histórico no novo mundo do trabalho em Pernambuco, sustentado pelo crescimento vigoroso da economia”. A notícia, no lead, não explica o que motivou a greve ou quais as reivindicações grevistas.

A matéria apresenta três fontes, todas representantes sindicais dos trabalhadores, e nenhuma que represente as empresas. As falas escolhidas denotam um tom ameaçador da categoria, presente em quatro dos cinco parágrafos que compõem a notícia. Alguns exemplos:

"As empresas apostaram numa queda de braço, pagaram pra ver e estão tendo a resposta dos trabalhadores, com 100% de paralisação nas obras da Rnest e da Petroquímica", fala do presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores na Construção Pesada.

"Julgar a greve não vai resolver. As empresas precisam voltar a negociar e modificar esse diálogo com os trabalhadores. A intransigência leva ao que aconteceu na hidrelétrica de Jirau, no Norte do País', alertou o secretário-geral da Força Sindical, João Carlos Gonçalves (o Juruna), temendo a iminência de novos conflitos e os riscos que isso poderá trazer para os funcionários e as empresas."

"O vice-presidente da Federação, Adalberto Galvão, lembrou do episódio na Petroquímica Suape, quando os trabalhadores incendiaram um dos alojamentos da Odebrecht, no Cabo de Santo Agostinho, após declarada a ilegalidade da greve."

A retomada de obras e a urgência dos acordos entre as classes patronais e dos trabalhadores é cobrada pela matéria para que o chamado “desenvolvimento” continue sem cessar. O agravante, neste caso, é a utilização das vozes, exclusivamente dos sindicalistas, para ilustrar um suposto clima de tensão, criado e mantido pelos trabalhadores, inclusive em tom ameaçador.

Em agosto do ano 2012 ocorre o período de ebulição do movimento dos trabalhadores, com greves e graves conflitos contra o Estado, acarretando, inclusive, em embates com a polícia. Contudo, apesar da situação envolver outros fatores, como insatisfações nos canteiros de obras, defasagem salariais, abusos patronais, insalubridades, etc, as notícias deste mês foram todas categorizadas em Economia. O discurso midiático empregado é predominantemente econômico, em que retomada de obras e urgência dos acordos entre as classes patronais e dos trabalhadores é cobrada para que o chamado “desenvolvimento” continue sem cessar.

Dessa forma, a legitimidade do movimento grevista é questionada pela mídia, enfraquecendo a voz do trabalhador e favorecendo o Estado, forte aliado dos empresários, que também ocupam até os meios de comunicação, visto que suas vozes são mais presentes nas notícias. Isso contribui para a baixa contextualização dos fatos e para o fraco acesso da sociedade à informação, ocasionando desinformação.

A matéria “Trabalhadores da Refinaria Abreu e Lima decretam greve”, publicada no dia 02 de agosto de 2012, marca o início do movimento grevista para aquele mês, que como já foi dito, foi um período bastante conturbado e que teve ampla cobertura midiática. A matéria aborda a greve em si, citando os motivos pelos quais os trabalhadores paralisaram as atividades, e não se prolonga sobre impactos financeiros que podem ser ocasionados. Contudo, ela é inserida na editoria de Economia. A matéria muito se apoia no discurso estatal, que tenta repassar a impressão de que se esforça em atender os trabalhadores, mas estes são difíceis de negociar, não aceitando os termos oferecidos pelos empresários, que, do ponto de vista da matéria, parecem ser positivos e justos. Isso pode ser observado em dois trechos diferentes. No primeiro, localizado já no lead, lê-se: “De antemão, os representantes informaram que os acordos firmados na semana passada perderam o valor e que voltarão à mesa de negociação para pedir um reajuste de 15% nos salários, rejeitando o acerto de 10,5% feito anteriormente”, percebe-se uma crítica velada aos trabalhadores quando o jornalista utiliza os termos “perderam o valor”

e “rejeitando”, o que pode inclinar os leitores a se posicionarem contra os grevistas e a favor da classe patronal.

Em outro trecho há: “A proposta era de promover equalização em 60 dias, com pagamento retroativo à 1º de agosto. Ainda assim, não tem conseguido agradar a maioria dos operários”, o que induz ao leitor pensar que há um esforço patronal (quando o jornalista usa o termo “ainda assim”) em atender os trabalhadores, mas que esses são muito exigentes e difíceis de “agradar”. Por fim, a matéria se encerra com o discurso de desqualificação do movimento grevista, observado nos três últimos parágrafos: “Diante desta posição, as empresas representadas pelo Sinicon analisam a possibilidade de demissão e outras medidas legais, visto que as negociações já foram encerradas”, a fala escolhida para representar a posição patronal é de demissões e retaliações pela greve. O mesmo tom de repressão é usado na fala escolhida para representar o sindicato dos trabalhadores (Sintepav-PE): “o Sintepav-PE já havia endurecido, afirmando que ‘sempre apostou nas negociações civilizadas e no respeito às leis em vigor no País. Desta forma, não apoiará atos de vandalismo, documentos apócrifos ou pessoas encapuzadas”. Pode-se observar que são utilizados termos como “endurecido” para amedrontar ou desassociar o sindicato do movimento de paralisação além de “atos de vandalismo”, “documentos apócrifos” e “pessoas encapuzadas”, desqualificando os trabalhadores. Essas duas fontes são as únicas utilizadas na matéria.

Na matéria intitulada “Trabalhadores da Petroquímica Suape também estão parados”, publicada em 03/08/2012, a notícia traz a informação de que “Até agora, a previsão oficial é de que todo o empreendimento comece a funcionar em agosto de 2013. Como não há previsão para o fim da paralisação, o cronograma do investimento de R\$ 6 bilhões pode ficar sob ameaça”. Ora, percebe-se o tom de preocupação da matéria com o desenvolvimento da obra, bem como da manutenção do capital financeiro investido. Os demais fatores, como motivações dos grevistas ou desenlaces das negociações não foram expostos na matéria. Mais uma vez, uma situação que causa forte impacto na região, como paralisação de uma obra do porte de Suape, apresenta baixa contextualização, com seu teor noticioso inserido apenas no contexto econômico. Não há fontes utilizadas na produção da matéria.

Questão Desenvolvimentista

Na matéria intitulada “Uma visita ao futuro”, “Reportagem do JC acompanha grupo de alunos de uma escola pública que foi conhecer Suape. Nas conversas, o sonho de uma geração que chegará ao mercado em breve”, publicada em 14/05/2011, o discurso econômico positivo já aparece no título quando o jornalista aborda o fato de alunos irem visitar Suape como uma “Visita ao futuro”, que conota desenvolvimento ou avanço de algo muito bom.

No lead temos "Olha quanto concreto!" A exclamação é de uma estudante do ensino médio do Estado ao ver, pela janela do ônibus, o tamanho e o volume de obras em curso no Complexo Industrial e Portuário de Suape. Foi feita durante a visita de sua escola ao local. Resume o clima de otimismo que envolve a nova geração pernambucana diante do desenvolvimento econômico do Estado e que, em Suape, toma corpo diante dos olhos com a instalação de novas indústrias. Uma visão diferente da geração de seus pais, que se acostumou a pensar que o Brasil não tinha jeito e que o Nordeste só servia para os seus filhos migrarem em busca de oportunidades no Sudeste do País”, o que não deixa dúvidas quanto ao discurso pró-Suape e Estado, e que as intervenções realizadas no local, mesmo que impregne a área de concreto, são vistas como positivas e benéficas à sociedade.

Em um trecho mais adiante temos: “Essas indústrias vão trazer emprego e renda para Pernambuco. O Nordeste nunca foi considerado pelo Brasil e agora nós somos motivo de orgulho para a nossa região. Antes as pessoas saíam daqui em busca de emprego e agora elas estão vindo para cá”, em que mais uma vez a voz utilizada pelo jornalista, a de outro estudante, é colocada para contextualizar o cenário no significado positivo, de desenvolvimento, além de propagar uma ideia de avanço, visto que antes a região era atrasada, segundo a fonte usada. Vale ressaltar que a matéria foi publicada em maio, dois meses após a notícia da greve de mais de 34 mil trabalhadores, o que reforça a ideia de que a notícia publicada está mais interessada em exaltar o modelo econômico adotado em Suape do que os seus impactos.

Uma outra fonte utilizada pelo jornalista é do tipo oficial e trata-se de um orientador pedagogo de Suape. Sua fala escolhida é para ilustrar a oferta de empregos que este tipo de empreendimento atrai, e mantém a estrutura pensada para a matéria, que é, exclusivamente, desenvolvimentista.

“Estamos recebendo novas plantas, a exemplo da montadora da Fiat. Esta vai atrair empresas sistemistas, que vão trabalhar no entorno da montadora oferecendo os insumos necessários para a produção dos automóveis, a exemplo da fábrica de laminados que será lançada pelo grupo Moura Dubeux. Serão 30 delas', anima-se.”

E para finalizar, o trecho: "Toda essa movimentação industrial traz impacto ambiental. Para essa geração, no entanto, o caminho é a gestão responsável dos recursos, pois, para eles, retroceder não é opção", o jornalista corrobora sua visão utilizando uma fonte, mais uma vez, estudante, que diz: "O maior perigo é trabalhar com petróleo. Mas esse é um risco que vale a pena correr, pelo bem do Estado. Tem de haver iniciativas para que desastres não ocorram”, em que se percebe pouca preocupação com o meio ambiente e sua conservação, pois este é tratado mais como um obstáculo do que aliado do chamado desenvolvimento. Também é possível perceber que possíveis acidentes ou desastres ambientais oriundos do petróleo não causam grandes reflexões, pois, como a fonte escolhida pelo jornalista afirma “Esse é um risco que vale a pena correr, pelo bem do Estado”.

No dia 13/02/2013 é publicada a matéria “Brasil importou volume recorde de gasolina em 2012”, da Agência Estado, e representa bem o discurso midiático observado até aqui, que apoia a voz do Estado em relação a desenvolvimento. A notícia aborda o prejuízo para a economia brasileira de ter que importar gasolina por não ser um país produtor de petróleo.

As duas fontes utilizadas na matéria foram um especialista em petróleo e derivados e um diretor de outra empresa do setor de energia. Ambas as vozes para sustentar a base econômica da matéria, que se debruça sobre a alta do preço da gasolina e como isso atrapalha a autossuficiência do Brasil em petróleo e derivados. O fato, de acordo com a matéria, tende a melhorar com a construção da Refinaria Abreu e Lima, colocando o empreendimento como salvação para o problema.

Esse tipo de discurso é perigoso à sociedade, pois se sabe que as atividades industriais do porte das que ocorrem em Suape geram diversos impactos negativos ao meio ambiente, além de conflitos sociais, e quando a realidade retratada pela mídia é de apenas benefícios ocasiona alienação aos leitores e perpetua as irresponsabilidades praticadas pelas empresas.

No mês de agosto, é publicada mais uma matéria ressaltando Suape como a salvação econômica do Estado e do seu desenvolvimento. Intitulada de “Suape salvou a

economia do Estado”, publicada no dia 25/08/2013, a matéria é longa e traz um histórico do desenvolvimento econômico de Pernambuco, desde a cana-de-açúcar até o polo industrial.

É composta de diversas fontes, e realmente, se caracteriza perfeitamente na editoria de Economia. Contudo, o discurso de que o Complexo Industrial de Suape é o responsável pela boa saúde do Estado é danoso no que tange as relações de produção e aos impactos no meio ambiente, visto que por algo tão bom assim vale qualquer sacrifício, isto quando, tais sacrifícios sejam publicados para conhecimento de todos, o que é bastante questionável pela análise feita até agora.

A matéria é bastante positiva para o empreendimento, contudo, por ser puramente econômica, todas as falas utilizadas são para reforçar o discurso de desenvolvimento (economista e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Tânia Bacelar; presidente da Agência Condepe/Fidem, ligada ao Estado, Maurílio Lima; e Rodolfo da Condepe/Fidem), fragilizando as facetas ambientais que a situação possui, aliás, esta ocupa lugar no último parágrafo da notícia em que diz: “Resta agora melhorar na questão ambiental. ‘Temos de sair dessa fase de encantamento e cobrar mais pelos impactos socioambientais negativos que não dão para esconder. Fazer de conta que não trouxe impactos negativos é ruim, temos de enfrentá-los’, considera da economista Tânia Bacelar”, sem esclarecer que impactos são esses ou medidas devem ser tomadas para evitar/minimizar as interferências nos ecossistemas.

Em outubro, a matéria “Eduardo Campos e Miriam Belchior discutem solução para dívida de Suape” repercute dívida gerada pela contratação do serviço de dragagem a uma empresa holandesa. Inserida em Economia, a matéria foca nos bastidores da política e no valor contraído do débito. Também ressalta o quanto seria negativo para a imagem do Brasil não pagar o que deve. Não há falas, o que torna a notícia bastante factual.

Os impactos oriundos da dragagem não são explorados pela matéria, apesar de causar sérios danos à vida marinha e, conseqüentemente, à comunidade ribeirinha. Ao contrário, destaca que “O projeto, que já deveria ter sido concluído, é fundamental para que navios petroleiros aportem próximo à futura Refinaria de Abreu e Lima, da Petrobras”, sustentando mais uma vez o discurso de desenvolvimento a todo custo, sem grandes preocupações com o meio ambiente.

Questão Ambientalista

No dia 05/01/2013, foi publicada a matéria “Refinaria Abreu e Lima vai produzir diesel verde”, e pela primeira vez o tema ligado a impacto ambiental surge como notícia, mesmo que superficialmente. A matéria aborda a nova forma de refino que será realizada na Refinaria Abreu e Lima, que de acordo com a notícia, será menos poluente. Já no lead há a informação de que “Pelo menos 70% do processamento de petróleo da unidade será dedicado à produção de diesel e o combustível estará alinhado à onda verde do mercado”, o que apoia o discurso estatal de desenvolvimento com responsabilidade ambiental, em que o termo “onda verde” consagra essa ideia. Contudo, os demais impactos no meio ambiente não são explicitados, e nem o porquê de se implantar a chamada “onda verde” ou o seu conceito.

A matéria continua afirmando “Há 30 anos sem construir uma nova refinaria no Brasil, a Petrobras decidiu erguer a Abreu e Lima com conceito de sustentabilidade diferente do antigo parque de refino”, em que mais uma vez a implantação de um parque industrial surge como algo positivo de impacto praticamente nulo no meio ambiente, visto que utiliza conceito de sustentabilidade novo, que vende a ideia de moderno e sem poluição. Aliás, a notícia não questiona o quesito contaminação, e nem traz outras vozes, como especialistas, biólogos ou ambientalistas.

A única voz presente e pelo discurso indireto é a do presidente do Complexo Industrial de Suape, o que contribui para a baixa contextualização do fato e o pouco acesso à informação de qualidade pela sociedade, favorecendo o domínio discursivo dos empresários e a assimetria no lugar de fala. De forma geral, a matéria muito se parece com um release de assessoria.

A única matéria categorizada na editoria Cidades, de cunho ambiental com relação à Refinaria Abreu e Lima, foi publicada no dia em 23/04/2013, e intitula-se “Fim da esquistossomose exige obras de saneamento”. A notícia repercute a falta de saneamento básico e tratamento d’água no Engenho Timboassu, uma das áreas críticas de transmissão da esquistossomose. Lá, 95% dos 120 moradores vivem sem água de abastecimento público.

A matéria questiona, já no lead, o fato de a localidade pertencer a Ipojuca, Grande Recife, mesmo município que recebe os empreendimentos econômicos, ditos a alavancar o desenvolvimento, e que, no entanto, ainda não possui serviços básicos, como saneamento, por exemplo, o que evidencia o trecho a seguir:

"Toda a água consumida na casa de Valdilene Francisca da Silva, 40 anos, é coada num pano. O abastecimento vem de uma cacimba, perto da casa dela, em Ipojuca, Grande Recife, mesmo município onde vem sendo instalada a Refinaria de Petróleo Abreu e Lima e funcionando o Estaleiro Atlântico Sul. O desenvolvimento ronda a região, mas ainda não chegou onde Valdilene mora, na zona rural, Engenho Timboassu, uma das áreas críticas de transmissão da esquistossomose."

Como se pode observar, trata-se de uma crítica ao modelo de desenvolvimento adotado. Há ainda duas fontes oficiais, o coordenador do Programa de Enfrentamento das Doenças Negligenciadas da Secretaria Estadual de Saúde (Sanar) e a presidente do Conselho dos Secretários Municipais de Saúde (Cosems-PE), ambas as vozes selecionadas com o intuito de ilustrar a busca do poder público estadual para soluções. No entanto, não há fontes ligadas ao poder executivo municipal.

No último parágrafo há uma sentença dada pelo presidente da Associação Municipalista de Pernambuco, entidade que congrega os prefeitos, e que ilustra muito bem a situação, de uma maneira geral. Ele diz: "O financiamento é escasso para obras de saneamento e o Fundo de Participação dos Municípios está em queda", revelando que o grosso dos investimentos é direcionado às atividades no Complexo Industrial de Suape, enquanto setores básicos para o desenvolvimento social enfrentam dificuldades e abandono.

Algumas Considerações

O fato de a maioria das matérias relacionadas à Refinaria Abreu e Lima estar publicada em Economia define o apoio midiático às atividades econômicas desenvolvidas no Complexo Industrial e Portuário de Suape, mesmo que as notícias nada tenham a ver com o discurso econômico. As matérias publicadas contêm baixa diversidade de fontes, contribuindo para a pouca contextualização dos fatos e para o aumento da desinformação, que propicia a propagação do discurso de poder e legitima as relações de dominação existentes.

Por outro lado, as comunidades tradicionais localizadas em Ipojuca e que receberam os empreendimentos não possuem discurso publicado nas matérias relacionadas com a Refinaria Abreu e Lima.

Tanto a ação quanto a omissão dos governos acarretam em institucionalização das injustiças ambientais, que precisam ser combatidas. O mesmo se aplica ao lugar de

direito no discurso midiático dos que hoje são excluídos e que, portanto, não existem para a opinião pública. A reversão desse quadro é necessária e urgente para que haja a garantia social do direito à informação de qualidade, bem como para a consciência coletiva acerca da preservação do meio ambiente.

Referências Bibliográficas

BUENO, W. da C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. Editora UFPR, 2007.

GANS, H. J. Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Vintage Books, 1980.

GOMIS, L. Teoría del periodismo. Cómo se forma el presente. Ediciones Paidós Ibérica, S.A., Mariano Cubí, 92 - 08021 Barcelona y Editorial Paidós, SAICF, Defensa, 599 - Buenos Aires, 1991.

KUNCZIK, M. Conceitos de jornalismo: Norte e Sul - Manual de comunicação. São Paulo: Edusp:Com- Arte, 2002.

MASSUCHIN, Michele Goulart. Jornalismo ambiental: quando a crise do meio ambiente entra em pauta. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau. 2009.

MOLOTCH, H. e LESTER, M. News as purposive behavior: On the strategic use of routine events, accidents, and scandals. American Sociological Review, 39 (1): 118-137, 1974.

SCHLESINGER, P. Repenser la sociologie du journalisme. Les stratégies de la source d'information et des limites du média-centrisme. Resaux, 51: 75-98, 1992.

SIGAL, L. V. Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking. Lexington: D. C. Heath, 1973.

SOUSA, J. P. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Florianópolis, Brasil: Letras Contemporâneas e Argos/UNOESC, 2002.

TRAQUINA, N. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In Traquina, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.